

<http://amazoniareal.com.br/barragens-do-tapajos-5-hidroviias-e-desmatamento/>



PHILIP FEARNSIDE

Barragens do Tapajós: 5 – Hidrovias e Desmatamento

- [Amazônia Real](#)
- 27/07/2015 23:50

PHILIP M. FEARNSIDE

A implantação da hidrovia do Tapajós incentivará o desmatamento futuro para cultivo de soja na porção norte de Mato Grosso, a ser servida pela hidrovia. Incentivará também o plantio de soja nas pastagens que atualmente recobrem áreas que já foram desmatadas nessa parte do estado. Tal conversão provoca desmatamento indiretamente em outros lugares, já que o gado e os pecuaristas que vendem as suas terras para “sojeiros” são deslocados de Mato Grosso para o Pará [1].

O aumento do desmatamento no Pará devido ao avanço da soja em pastagens em Mato Grosso tem sido demonstrado estatisticamente [2]. Esse efeito, contudo, tem sido negado pela diplomacia brasileira, que, em março de 2014, conseguiu retirar uma menção a ele do sumário para tomadores de decisão do quinto relatório de avaliação (AR-5) do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC) [3]. O estímulo ao desmatamento pela hidrovia do Tapajós não está incluído entre os impactos considerados no licenciamento ambiental ou de créditos de carbono de projetos na bacia do Tapajós, como a UHE Teles Pires [4].

Em 25 de abril de 2014, a Bunge, uma empresa multinacional de soja atualmente responsável por 25% da produção do Brasil, abriu um porto para exportação do grão em Barcarena, na foz do rio Amazonas. A empresa espera que as exportações do Brasil dobrem nos próximos dez anos, principalmente visando a China [5].

A soja para o primeiro navio carregado no porto de Vila de Conde, em Barcarena, foi transportada em carretas de Mato Grosso até o porto da Bunge em Miritituba, no baixo rio Tapajós, e de lá seguiu até Barcarena em barcaças operadas pelas Navegações Unidas Tapajós Ltda. (Unitapajós), uma joint venture entre as empresas Amaggi e Bunge.

No futuro, espera-se que a soja a ser exportada a partir de Barcarena faça todo o caminho desde Mato Grosso em barcaças através da hidrovia do Tapajós, iniciando no ramal que sobe o rio Teles Pires. Essa hidrovia depende da construção de uma série de barragens, cada uma com eclusas para permitir a passagem das barcaças [8].

NOTAS

- [1] Fearnside, P.M. 2001. Soybean cultivation as a threat to the environment in Brazil. *Environmental Conservation* 28(1): 23-38. doi: 10.1017/S0376892901000030 Versão em Português disponível em: http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/2006/Soja-Amazonia%20500%20anos.pdf
- [2] Arima, E.Y., P. Richards, R. Walker & M.M. Caldas. 2011. Statistical confirmation of indirect land use change in the Brazilian Amazon. *Environmental Research Letters* 6: 024010. doi: 10.1088/1748-9326/6/2/024010
- [3] Garcia, R. 2014. Impacto do clima será mais amplo, porém mais incerto. *Folha de São Paulo*, 31 de março de 2014, p. C-5.
- [4] Fearnside, P.M. 2013. Carbon credit for hydroelectric dams as a source of greenhouse-gas emissions: The example of Brazil's Teles Pires Dam. *Mitigation and Adaptation Strategies for Global Change* 18(5): 691-699. doi: 10.1007/s11027-012-9382-6 Versão em Português disponível em: http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/2014/Teles_Pires-MDL-Sérrie_completa.pdf
- [5] Freitas, T. 2014. Exportação de grãos vai dobrar, diz Bunge; para empresa, China manterá demanda. *Folha de São Paulo*, 26 de abril de 2014, p. B-2.
- [6] Fearnside, P.M. 2015. Amazon dams and waterways: Brazil's Tapajós Basin plans. *Ambio*. doi: 10.1007/s13280-015-0642-z. <http://link.springer.com/article/10.1007/s13280-015-0642-z>.
- [7] Fearnside, P.M. 2015. Hidrelétricas na Amazônia brasileira: Questões ambientais e sociais. Capítulo 10 In: D. Floriani & A.E. Hevia (eds.) *América Latina Sociedade e Meio Ambiente: Teorias, Retóricas e Conflitos em Desenvolvimento*. Editora da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná. (no prelo). Disponível em: http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/Preprints/2015/Fearnside-Hidrelétricas_na_Amazonia-UFPR.pdf
- [8] Isto é uma tradução parcial atualizado de [6]. Parte deste texto é adaptado de [7]. As pesquisas do autor são financiadas pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (proc. 304020/2010-9; 573810/2008-7), pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) (proc. 708565) e pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) (PRJ1). Uma versão deste texto será incluída em um compendio organizado por International Rivers sobre as barragens na bacia do Tapajós. Agradeço a P.M.L.A. Graça, D. Alarcon, I.F. Brown pelos comentários.

Leia também:

- * [Barragens do Tapajós: 1- Resumo da série](#)
- * [Barragens do Tapajós: 2 – As barragens](#)
- * [Barragens do Tapajós: 3:- Unidades de conservação e terras indígenas](#)
- * [Barragens do Tapajós: 4 – Hidrovias e os Munduruku](#)

Philip M. Fearnside fez doutorado no Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e é pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM) desde 1978. Membro da Academia Brasileira de Ciências, também coordena o

INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) dos Serviços Ambientais da Amazônia. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 500 publicações científicas e mais de 200 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis através de <http://philip.inpa.gov.br>.

Matérias relacionadas

- [A Hidrelétrica de Teles Pires – 2: Rebrotas da biomassa](#)
- [Barragens do Tapajós – 4: Hidrovias e os Munduruku](#)
- [Barragens do Tapajós-3: Unidades de conservação e terras indígenas](#)
- [Barragens do Tapajós: 2 – As barragens](#)
- [Pesquisa sobre conservação na Amazônia 13: fontes de recursos para serviços ambientais](#)